

PREGUIÇA



Dezembro de 2021
PET - LETRAS UFSC



A REVISTA PARA QUEM NÃO TEM PRESSA.



NOTA DA EDITORA

Alguns dizem que estamos em um momento de produção de ideias e que, apesar da permanência de alguns velhos ritos de separação entre a vida e o trabalho - os portões, as portarias, os relógios de ponto com os seus cartões, os vigias e os horários de entrada e de saída estipulados por contrato -, a vida penetrou na empresa e o trabalho difundiu-se pela vida afora. Todo aquele que trabalha com ideias carrega consigo os problemas relacionados ao próprio trabalho vinte e quatro horas por dia. Não mais se trata de expansão do horário de trabalho, mas sim de uma fusão entre o trabalho e a vida.

Nesse cenário, onde situar o ócio? Considerado menos útil, menos importante, menos ético do que o trabalho, como lidar com a improdutividade que o caracteriza? Na situação onde trabalho e vida se confundem, qual o lugar de fruição estrita da vida? A preguiça parece-nos emergir da tentativa de lidar com essa questão, da incapacidade resultante dos esforços educacionais focados em sua maior parte no trabalho. A preguiça, para nós, não é uma oposição direta ao trabalho, mas uma rebeldia contra a penetração deste no que deveria pertencer ao âmbito do repouso.

A Revista Preguiça propõe-se como esse lugar de atividade ociosa, tanto como objeto de consumo, quanto objetivo de produção. Um espaço para textos e imagens que busquem a emancipação do compromisso produtivo, mas, como produto acabado, configuram-se como uma tentativa, uma convulsão na busca do simplesmente existir.





AUTORES E ARTISTAS

Gabriele Damin de Souza
Daniel Ribeiro dos Santos
Marcos Oliveira Jr
Gabriele Aparecida de Souza
e Souza

Diogo Oquendo
Vitória Machado da Costa -
Preta Lírica

Nicolas Brukiewa Rodrigues
Isabela Troyo
Taísa Machado
Stefani Ceolla de Moraes
Daniela Castro

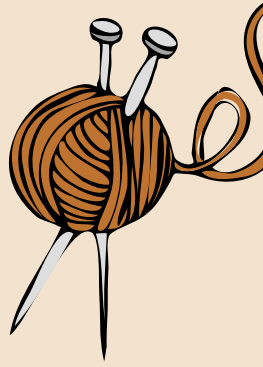
Remerson Bezerra Menezes
Jaqueline Ribeiro da Mata
Lorena Varalla Scanzani
Waléria Nunes

Ananda Gomes Henn
Mariana Barbosa de Amorim
Cristiane Garcia Teixeira
R. E. D. Filho

Gabriela Caye Santos
Sofia da Silva Quarezemin
Maria Inés Castiñeira
Clara Rovaris Bettiol

outro poema sobre a vida

GABRIELE DAMIN DE SOUZA



Entremeiam-se os fios espessos de lã.
Fios vermelhos, escarlates, que pulsam e sangram:
do novelo desenrolado, derramam-se
entre calos e falanges,
entre os dedos de mãos anciãs.

Se a vida assumisse um corpo,
presumo que seria
a curvada e contente forma
de uma Tecelã.

O que há no mundo de mais poético
do que a imagem da Vida como senhora:
corcunda e grisalha,
que se curva e se prostra
diante da roca, a fiar e a tecer histórias?

O que há no mundo de mais verdadeiro
do que a imagem da Vida como senhora
cujas rugas – que adornam a macilenta cara –,
não são mais do que linhas traçadas
por nossas memórias?

Entremeiam-se os fios espessos de lã...
São linhas em Nós atadas:
são histórias,
são memórias,
são rugas
de uma velha Tecelã.



Saio de casa rumo a você,
já na rua perco o semblante,
entra mais um em azul descartável
mar,
lastimável censura ao amante.

No caminho, olhos encaram a si
mesmos em cautela,
cada qual um espelho,
refletem em mim o que enxergo
neles,
em momento assim, quem sou eu,
são eles.

Mais à frente, enfim, destino,
sentando-me alegro-me por
encontrar conhecido,
conhecido borbulho do coração
ansioso
que frente ao amor não se faz
temeroso.

Já à mesa procuro um sinal,
essas faces encobertas, desse
século são o mal,
tanta aglomeração confunde-
me,
borrão humano se forma
mas é chegada a hora,
aponta... ao centro... você,
figura distinta, olhos de aurora.

Nesse momento junto ao tempo
entorpeço,
brevemente aceno, você
responde,
senta-se... e eu mesmo não
estando pronto,
enfim consolida-se, pandêmico
encontro...

Daniel Ribeiro dos Santos



Sonho de Nuvem

Marcos Oliveira Jr

para Luíz Horácio

“uma brecha de breu se afina”
- Jhenyfer Vicente

o fim da solidão dá num arame nunca longe

encontrei mais espaço neste mesmo espaço de sangue
e barro

que sustém meus braços
uma algaravia dos bugios
e as mil bocas de salém

aprendi as línguas do meio para viver os mitos além
dos muitos vidros

li o missosso da chuva que guarda os sonhos dos
primeiros domingos

fui às árvores altas
do pampa: corpo mais humano
ver o vôo da Perciliana

ouvi os planos da coruja
os alentos do piano
e a canção das caturras

senti as especiarias de ilhas, tribos e vilas espalhadas
pelo atlas

na voz d'um só cigano junto do fogo e do mate revivi as
festas de antanho

traguei as mínguas da fome
o silêncio das guerras
e as terras do folclore

onde a vida sempre insiste quando se imagina os
tantos nomes que ela acolhe para ser de toda gente, da
mãe dos idiomas, o imenso presente



Música de Presente



Gabriele Aparecida de Souza e Souza

As pessoas ainda se presenteiam com CDs? – refiro-me mesmo àqueles suportes materiais de formato redondo, com um “furo” no meio e que contêm música. Um esclarecimento: nasci na década de 1990 e cresci num momento em que era muito comum dar e receber um CD “de presente”. Lembro que cantores e grupos musicais eram, inclusive, premiados por vender tantos milhares ou milhões “de cópias”; a premiação era transmitida na TV, geralmente em programas de auditório. Hoje, pelo que vejo, o “sucesso de vendas” não se mede mais pelo “número de cópias” vendidas, mas sim por uma tal quantidade de acessos na internet. Hoje também não vejo muita gente comprando CDs; elas “escutam Spotify”. Bem, pergunto-te se as pessoas ainda se presenteiam com CDs porque desejo presentear uma pessoa querida com música.

Mas nos dias atuais, época do streaming, o que devo fazer? Coisa mais estranha seria encaminhar um “link” de uma “playlist” por “whatsapp” e oferecê-la como presente, não?... (pausa) Acho que vou mesmo comprar o CD... (pausa) Os mais jovens podem me chamar de “cringe”. Não ligo... (pausa) Me recuso a presentear alguém com um “link”... (pausa) Lembrei que a antiga loja de CDs fechou. Vou entrar na “Amazon”... (pausa) Pensei em Laura Pausini. Espero que tenha o último lançamento em estoque... (pausa) Vou aguardar chegar pelo correio. Depois vou entregar o presente em mãos à pessoa querida... (pausa) Tomara que ela tenha em casa um leitor de CD, nem que seja daquele que vem “embutido” no próprio computador... (pausa longa) E que não me ache “cringe” pela música de presente.



Instruções Para Construir Uma Biblioteca

Diogo Oquendo

Em uma das matérias da faculdade, fomos instruídos a “construir nossa biblioteca”, como se juntássemos tudo que já lemos para montar essa biblioteca imaginária que nos compõem como indivíduos. Lindo, né? Mas uma coisa na enunciação do exercício me incomodou demais: “Coloquem tudo que é literatura”

Eu adoro como isso é abrangente e passível de se questionar se pensaram só em escrituras em livros mesmo. Tudo que é literatura. Sempre que penso o que é literatura, tenho um breve momento de pensar o que não é literatura? Rótulos de shampoo. Rótulos de shampoo não são literatura.

Bom, se não posso ter uma consistente resposta para o que é literatura, então, bom, eu tenho a consistente resposta para o que não é. eu tenho a consistente resposta para o que não é.

Não é literatura rótulos de shampoo, por mais que os tenha lido desde criança,

dentro ou fora do box do banheiro; na privada esperando o que todo mundo espera com o tédio de levar o jornal, celular ou livro para o banheiro. Droga! Às vezes esquecemos de levar qualquer coisa, mas tem ali no canto, ali no canto de onde não há literatura: a obra do banheiro, o shampoo de canto de azulejo.

“Modos de uso:

Aplique o produto na palma das mãos e espalhe sobre os fios molhados, massageando delicadamente da raiz às pontas. Enxágue. Repita a operação caso necessário.

Precauções: Evitar a exposição da embalagem a raios solares e calor intenso. Mantenha fora do alcance de crianças. Para uso externo - Não ingerir. Evitar contato com os olhos.

Em caso de contato com os olhos, enxaguar imediata e abundantemente com água e **PROCURAR UM MÉDICO.**

Havendo irritação, suspenda o uso e procure orientação médica. Após o uso do produto, mantenha a embalagem fechada.”

Júlio Cortázar escreveu um manual sobre como subir os degraus de uma escada. Que droga, Cortázar! Como se classifica isso em literatura agora?

Me passa conhecimento? Me faz como sujeito? Qual é a exposição cultural a qual eu passo após subir as escadas? Merda, escadas são literatura agora? Que isso?

Ok, minha biblioteca tem uma escada, já sei disso, tô fazendo ela. Instruções de como usar seu shampoo poderia muito bem fazer parte da biblioteca de Cortázar.

Literatura de banheiro é o shampoo desabafando com você em caixa alta:

- PROCURAR UM MÉDICO, SEU IMBECIL. SE VOCÊ COLOCOU SHAMPOO NOS OLHOS, A ÁGUA RESOLVE, MAS PROCURE UM MÉDICO POR TER QUE LER AS INSTRUÇÕES ANTES DE SABER QUE NÃO SE USA SHAMPOO NAS SOBRANCELHAS.

Eu diria que tem muita literatura no meu shampoo, até no meu banho todo. Minha mãe que me perdoe pela conta de água, mas as melhores histórias que criei menino eram aventuras debaixo do oceano branco do azulejo. Pensando agora,

talvez tenha sido o mais perto que cheguei de Haroun e o Mar de Histórias - Livro que só conheci na faculdade, mas ainda com imensa surpresa.

Penso nas paredes de banheiro que li, agora. Alguns poemas do Galeano, os vi em portas de banheiro, ao lado do famoso "quem cagar é corno." Meu deus, eles já sabiam mesmo antes de eu entrar ali. Literatura é lindo, né, gente?

Lembro do meu professor de latim, Zé Ernesto, ele dizia que na Roma antiga já haviam encontrado tecnologias avançadíssimas para época, eram um povo a frente, tão a frente, que mesmo nos banheiros, já era possível ler piadas sobre genitais e merda. Literatura de banheiro, por essa os críticos não esperavam.

Mais de dois mil anos depois e estudaríamos nas principais universidades de letras do país, o tremendo caralho desenhado na parede dos banheiros de Roma. Dar a César o que é de César, aqui está, tem um banheiro em minha biblioteca.

Sem nome, só com destinatário

Vitória Machado da Costa - Preta Lírica

Se esse sofazinho falasse, e os outros lugares que te encontrei, faltaria caracteres em um conto. O sofazinho já me serviu de cama, e o teu abraço de casa, por tantas vezes, e a cada uma delas a sensação ao toque foi diferente, contudo o prazer igual, só podia ser, vinha de você. E com o ritmo leso do tempo, como em segundos antes do sorvete descongelar, chegamos ao fim; não é sobre ter, é amar o amor que fazia em mim.





Observo o bosque que se estende à minha frente, e lentamente fecho os olhos, a imagem do bosque desaparece e uma floresta toma o lugar dele, estou nas matas da minha mente. A luz é forte, no céu do meu subconsciente brilha o sol do meio dia, árvores pretas se estendem para além da vista, meus pés são acariciados por fofa e verde grama, flores surgem nas mais diversas cores, mais adentro da mata correm sátiros perseguindo ninfas e dríades que tentam se esconder por dentro dos negros troncos; Surge sob meus pés um caminho, trilha feita por inúmeros passos que traçaram o mesmo caminho, sigo-o. A luz diminui, impedida de passar por grossas camadas de galhos e folhas que se estendem acima de mim, escuto a risada de fadas e duendes que correm travessos perto dos meus pés, guio-me pelas poucas faixas de luz corajosas o suficiente para encontrar seu caminho por entre a vegetação, elas marcam o caminho como em sussurros que exclamam “Por aqui, não se perca!”.

Depois de muito vagar chego a uma clareira, e no seu centro há uma grande bacia hidrográfica, junção de dois rios, um da esquerda, outro da direita, que se encontram em suave confluência, eterno encontro de dois líquidos corpos. Me aproximo, criaturas místicas me observam curiosos por entre as árvores, a bacia é como um grande espelho que ilumina toda sua volta refletindo o brilhante sol que acima de nós se agiganta, meu reflexo me olha, nos olhamos olhos nos olhos, e sinto-me incompreendido. Ele então me diz “Venha, deite-se”, atendi seu pedido e pisei na água, em seu ponto mais fundo a água alcança meu quadril, me deito e me fundo ao meu reflexo, encaro o azul céu que parece refletir a água, meus olhos lacrimejam e enfim compreendo. Estou a boiar em minha tristeza. As lágrimas, por mínimas que sejam, parecem aumentar consideravelmente o nível da água, mas não consigo parar, a bacia parece irromper em triste fúria ao sentir o gosto do meu choro,

torna-se violenta e iguala-se a um peixe fora d'água inutilmente se debatendo na tentativa de retornar a um lugar agora inalcançável.

Minha visão é obscurecida por uma violenta onda e sou jogado ao fundo, as lágrimas continuam a cair e a beirada fica cada vez mais distante, os raios de sol já não me alcançam, e meu grito não é mais audível. Piso no chão e sinto formações rochosas, olho para verificar e vejo olhos se abrirem. Incontáveis rostos como o meu, agora desprovidos de vida, me observam, e começam a sussurrar antigas ambições, ah, encontro-me no cemitério dos meus sonhos, afogados por minha crescente tristeza. O peito aperta, os sussurros começam a crescer, tornam-se gritos, e a respiração começa a falhar. Olhando para minha inalcançável margem, morro, a bacia se estabiliza, as bocas se fecham, e meu corpo finado é abraçado.

Os braços de Oxum me envolvem, me remontam, me revivem, me desnudam de minha antiga pele, flutuo de volta à superfície enquanto vejo meu antigo corpo afundar, agora

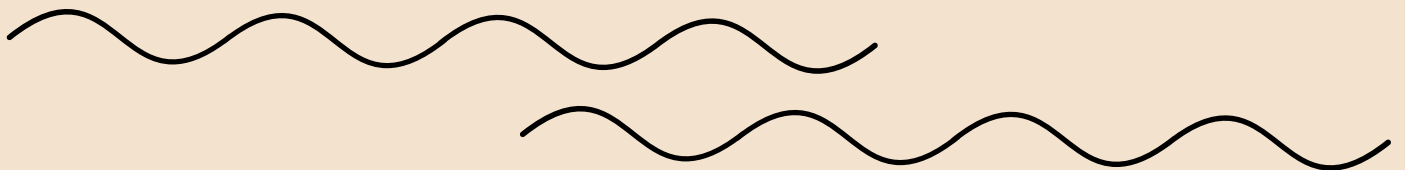
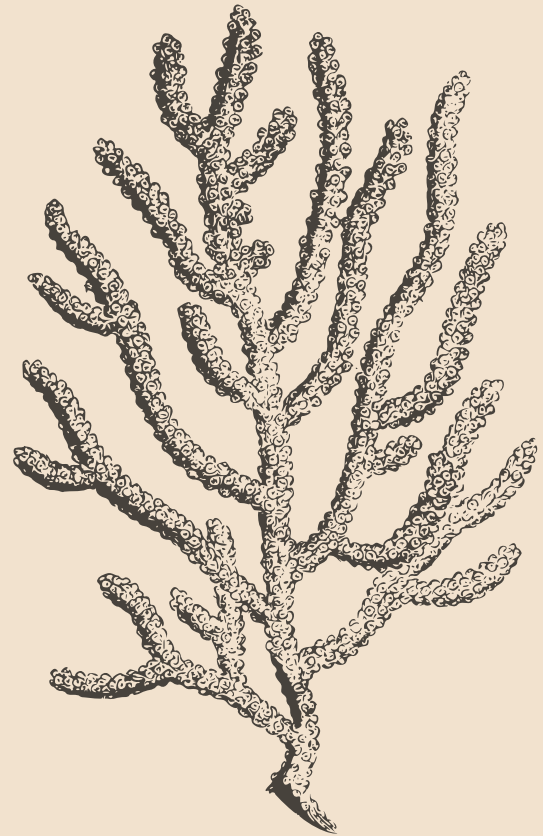
sendo devorado em ato antropofágico pelos sonhos que uma vez me pertenceram. Surjo na beira da bacia, recuperando o ar que havia perdido, levanto os olhos e vejo Oxumaré, me oferecendo a mão para me levantar, sua forma como que envolta por uma neblina, constantemente transitando entre o masculino e o feminino, aceito sua ajuda. “Despeça-se de você, ou daquele que um dia foi você, e deixe que ele afunde como um receptáculo que carrega em si tudo que já não lhe pertence.” me diz Oxumaré.

Olho para trás, para a bacia, e seco minhas lágrimas, deixo que saia de mim um grito gutural, esvaziando através da minha garganta tudo que deve no corpo d'água morrer. Novamente as águas se revoltam e esperneiam, mas agora a cada movimento, o volume diminui, sua escandalosa performance ocorre até alcançar o tamanho de uma poça, o movimento se encerra e ao seu redor brotam amarelas flores. Ele toma a forma do espelho de Oxum, nele me vejo, visão carinhosa, reflexo não de quem fui ou sou, mas daquele que posso ser. Os rios ainda correm mas não aumentam o volume da bacia,

neles não encontro a terceira margem da qual falou Guimarães, nem encontro Caronte disposto a levar aquele que já não sou, correm apenas as águas do tempo, do ser, um rio do Eu e um rio do Outro.

O sol ainda brilha forte nas florestas da minha mente, calor de Ísis que cauteriza as feridas do meu (re)nascimento. Respiro fundo e lentamente abro os olhos, reencontro o bosque, é fim de tarde. Olho para os céus,

Vejo um arco-íris.



FIXAÇÃO POR ENXADAS

Isabela Troyo

Fixação por enxadas
Pás
Terra molhada
Comida compartilhada
Barriga cheia
Postura bem tratada
Depois que a renda for dividida
O que será da minha vida desgraçada?

Meias

Taísa Machado

Tenho andado um caminho reticente
Me perdido, me encontrado
pela metade...
A gente cresce e quer ser gente
e ninguém contou como é

No meio da sala, olhando a parede...
(Eu preciso molhar as plantas)
Meus pés já estão dormentes
De tanto ficar em pé

Tenho vivido de meios sonhos
interrompidos
E dito meias frases
E feito meias coisas
Como se faltasse um pedaço em mim

Me sinto estática,
mesmo me movendo
o tempo é que passa,
me arrasta com ele,
se recusa a esperar...

Pelos meus cálculos se passaram cinco minutos
Mas mês que vem eu faço...
vinte?



Diário de Bordo

Stefani Ceolla de Moraes

Cabo Polônio

17 de setembro de 2017

Eu vi o sol se pôr sentada no topo do farol de Cabo Polonio. Vi as nuvens ficarem cor de rosa e as primeiras estrelas aparecerem. Tomei mate com os três homens que trabalham no farol e ouvi suas histórias. Eu observei o momento em que acenderam o farol que ilumina o povoado a cada "12 segundos de oscuridad", como a música já tinha me contado. Eu rezei. E depois escrevi. Vi o céu mais estrelado, como os que só existiam nas memórias da minha infância. Vi duas estrelas cadentes, mas não consegui pensar em nenhum desejo. O que mais eu podia querer? Dormi depois de risadas e ao som do violão sem saber que horas eram. Acordei no meio da noite com a lua brilhando na janela. Era tão dourada e surpreendente que, pela manhã, tinha dúvidas se não se tratava de um sonho. Acordei com o sol nascendo na janela, sem saber que horas eram. Segui o que meu corpo

dizia. Eu o ouvi em Cabo. Passei horas olhando os lobos-marinhos, horas olhando o mar, horas lendo um livro que eu queria que não acabasse e me ensinou que "não se deve dar às coisas uma importância que elas não têm". Vivi horas só minhas em Cabo. Agradei. E escrevi.

Vale Sagrado

14 de junho de 2018

No dia em que eu voltava de Machu Picchu, peguei uma van entre Ollantaytambo e Cusco na qual entrou uma família inteira que também viajava pelo Vale Sagrado. O patriarca tinha uns 60 anos e era cego. Pra que ele "enxergasse" a viagem, sua esposa ia descrevendo o que via pelo caminho. Eu estava exausta, encostada na janela, com o olhar perdido na paisagem lá fora. Mas conforme ia prestando atenção ao que ela falava, ia também ajustando meu olhar e percebendo a grandiosidade daquilo que eu estava vendo. O melhor de tudo era que a mulher tinha um grande senso de

humor, e o homem as risadas mais engraçadas que já ouvi, coisas que tornaram a descrição e a viagem muito mais divertidas do que seriam se eu seguisse só os meus sentidos.

De Aracataca a Ilhéus, meus 30 anos, e aquilo que não se pode prever

21 de novembro de 2018

Quando eu estava prestes a completar 30 anos, sabia de uma coisa: que queria ir para a Colômbia. Melhor: sabia que no dia do meu aniversário, estaria na cidade em que Gabriel García Márquez nasceu

E que antes de chegar a Aracataca, eu percorreria outros lugares representados nos livros dele. Fiz um roteiro meticuloso. Calculei cada passo. Eu só ignorei uma coisa: eu jamais saberia que versão minha chegaria até lá. Tem coisas que não se pode prever.

Cinco dias antes dos meus 30 anos eu já estava na Colômbia cumprindo fielmente meu roteiro. E uma tragédia aconteceu lá, atingindo gente que eu amo, meu Estado, meu trabalho, matando alguém importante pra mim. Tem coisas que não se pode prever.

Apesar de toda a dor, mantive meu plano. Mas a minha versão que chegou aos 30, em Aracataca, não

era a mesma que tinha saído de casa pra ir até lá. Hoje vejo que ali aprendi uma lição: eu nunca poderia controlar tudo. De viagem, aquele momento foi convertido em experiência. De autor favorito, Gabo, presente em cada colombiano que me acolheu, foi convertido em santo. E assim é, até hoje.

Falta pouco pra eu completar 32 anos. Eu não tinha nenhum plano dessa vez. Eu não tinha controle de nada. Surgiu um convite pra conhecer a Bahia. A Ilhéus de Jorge Amado - um dos autores que mais gosto.

Era um sonho, e realizei sem que nada estivesse nas minhas mãos. Almoçando no restaurante Vesúvio, que conheci das obras dele, uma cena me emocionou. Um engraxate passava em frente à estátua de Jorge Amado sentado ali na praça. O cumprimentou, tocou em sua cabeça, curvou-se, disse algo que eu não pude ouvir e seguiu em frente. Talvez fosse como um santo pra ele, um orixá. Que talvez tenha feito algo por aquele homem, por aquela cidade, tão marcante quanto o que senti Gabo fazendo por mim. A Colômbia de García Márquez é totalmente real. A Ilhéus de Jorge Amado também. Não se precisa de realismo mágico quando se nasce na América Latina.

Eu também não podia prever que versão minha chegaria à Bahia. Mas gosto da versão que sente tudo, tudo, e começa a aceitar o fato de não ter controle.

É uma versão que se emociona com a lua quase cheia, que aceita ter a vida lida nas cartas de tarô por uma pessoa desconhecida e até quando uma das cartas diz “você está sendo mesquinha”, acha que tá tudo bem. É uma versão que coloca o relógio despertar às 4h30 porque quer ver o sol nascer no dia em que ele entra em sagitário e que entende que, daqui a 12 dias, ao chegar aos 32, eu posso ser alguém diferente da pessoa que escreve hoje, na Bahia de todos os santos, entre eles Jorge Amado.

A Colômbia

17 de novembro de 2020

Às vezes acontece assim: eu acordo no meio da noite e minha mente tá na Colômbia. Eu sinto o ventilador jogar o ar em mim no meio do quarto azul abafado na periferia de Cartagena, longe dos pontos turísticos, onde a música começa a tocar alta pelas ruas assim que amanhece. Eu sinto aquele calor calor que não dá trégua e lembro do estranhamento ao tomar banho sem chuveiro porque a água precisa ser gelada pra refrescar e pra isso não precisa nada além de um

cano que despeje ela em cima de você. Eu ouço o som do reggaeton bombando em absolutamente todos os lugares o tempo todo e lembro que só parou de tocar um pouquinho, ou foi mais baixo, naquele dia mais triste do mundo, o 29 de novembro de 2016, em que toda aquela gente que queria me mostrar que era feliz me mostrou também que era solidária e sabia ficar triste. Eu sinto cheiro de manga, depois de abacaxi. Eu vejo as iguanas brigando no pátio da casa em que Simon Bolívar morreu - que lugar mais lindo, que briga mais assustadora. Eu sinto a luz do sol me tocando ao se pôr e banhando tudo de laranja, tudo de amarelo, tudo brilhando naquele mar que nem é azul em todo o Caribe como a gente acha aqui.

Lembro das estradas e de ir percorrendo os caminhos da zona bananeira e pensando que eu precisava gravar bem todos os detalhes na minha mente, olhar pra tudo com muito foco pra registrar, pra eu não achar que na verdade era tudo um sonho. Parece um sonho, principalmente quando eu acordo no meio da noite com essas sensações e logo depois eu volto a dormir. Mas foi real. Foi surreal.

Descanso

Daniela Castro

Des
Cen
Do
Aqui na escrita
Vou sentar-me
Num degrau da
Po
E
Siaaa!

Vou descansar
Por um momento
E refletir...

Não sei se continuo
A descida ou
Se fico aqui...

Vou escrever mais
Umas linhas
E deixar a poesia
Fazer o resto da

Des
Ci
Daaa!



PREGUIÇA

sobre outras obras



Anne Frank: uma escritora à frente de seu tempo

Remerson Bezerra Menezes

Uma garota judia que tinha um sonho de tornar-se uma grande escritora, registrou nas páginas do seu famoso diário os momentos de terror vivenciados com sua família dentro de um esconderijo (denominado de Anexo Secreto) em Amsterdã. E adivinhe só? Seu sonho virou realidade!

O diário de Anne Frank (1942-1944) é um clássico que relata os aspectos históricos da época do Holocausto, vindo a ser publicado por Otto Frank, pai da menina, posteriormente. É possível sentir a dor e a profundidade nas palavras desta jovem escritora. Em um certo momento, ela afirma: “tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito”. Para Anne, escrever no diário era mais do que um simples passatempo, consistia em uma conexão de profunda amizade, pois ela havia nomeado seu objeto de Kitty. Assim, percebemos que a escrita era uma forma terapêutica, pela qual Anne confidenciou seus medos,

suas dores e sobretudo seus maiores desejos.

É impressionante a maturidade que aquela menina de apenas treze anos de idade tinha em suas opiniões. Não evitava críticas a respeito de seus familiares, amigos e a própria condição em que viviam. Esta visão crítica revela o modo com que ela lidava com as situações ao seu redor, em outras palavras, Anne desenvolveu uma cosmovisão, mostrando-se uma jovem à frente de seu tempo.

Quando lemos seu diário, notamos que nossa realidade do século XXI não é tão diferente assim! Tempos historicamente distintos, porém, muito semelhantes em alguns aspectos. Paralelamente, vivemos um presente de incertezas, isolados do social, vemos guerras por poder e várias mortes trágicas (que poderiam ter sido evitadas). Sim, são estes os tempos atuais em que vivemos! Talvez se seguirmos o conselho de Anne em não pensar na infelicidade e desgraça,

focando na beleza que há dentro de nós, recuperaremos o verdadeiro equilíbrio da vida.

Que não nos falte força para lutar em tempos difíceis e que possamos encontrar na escrita, assim como Anne Frank, alívio para enxergar a vida além da desesperança!

da lama ao caos da memória daqueles que não se afogaram com uma cidade

Jaqueline Ribeiro da Mata

Histórias de cidades que ressurgem sempre parecem mais atrativas que as cidades que insistem em sobreviver a duras penas. Além das perguntas sobre os motivos que levaram à submersão, há todo um encanto peculiar envolvendo a descoberta ou redescoberta do velho. Como um Indiana Jones e suas aventuras ou mesmo como abrir aquelas cápsulas do tempo depois de passados alguns anos e ver como ficou aquilo que foi depositado, se mudou, se continua igual e realizar a inevitável comparação entre aquele que depositou (e suas intenções) e quem está abrindo agora (e sua curiosidade), invariavelmente duas

pessoas distintas ainda que respondam pelo mesmo nome.

Aline Valek, escritora-ilustradora mineira-brasiliense, neste seu segundo livro, nos apresenta Alto do Oeste, cidade que foi engolida por um lago há 17 anos em pleno cerrado. Ao acompanhar a fotógrafa alto-oestina Kênia Lopes e seu amigo jornalista Facundo registrando o reaparecimento da cidade e o retorno de seus moradores, somos testemunhas de uma atividade que vai muito além do trabalho e passa também pelo modo de cada um lidar com a memória. Ou buscar algo, como diz uma personagem: “Todo mundo que voltou deixou

alguma coisa aqui. É por isso que se volta. Para buscar”. Aliás, driblando spoilers, é preciso ressaltar alguns detalhes perspicazes arranjados pela autora. Por exemplo, a existência da professora Érica Pataxó.

Em um país em que costumes e sabedorias dos povos originários estão desaparecendo, uma professora indígena de História, respeitada por todos e entendida como alguém imortal pela sua capacidade de lembrar é muito conveniente. Ser Érica a responsável por segurar as pontas quando a diretora some, ser ela a primeira a voltar à cidade, ser ela a ter a iniciativa de salvar os livros, montar o museu... é tudo muito simbólico. Facundo, em determinado momento, pergunta sobre esses seus esforços para preservar a história de Alto do Oeste, esse apego ao passado e ela responde: “Não acho que seja apego ao passado. Memórias pertencem ao futuro. É para lá que estou olhando quando faço esse trabalho todo, Facundo. Só se conta histórias para a frente.” Cidades afundam em dias normais é uma leitura agradável não pelo enredo com mais dramas que alegrias, mas porque é boa, bem feita e reflexiva, extremamente

reflexiva. Difícil ler sobre moradores que deixam uma cidade afundar e não sentir ali uma indireta para a nossa própria imobilidade ou, então, apontamentos sobre as repetições pelas quais os alto-oestinos são submetidos e não enxergar neles todo o povo brasileiro.

Recomendo fortemente a leitura com ou sem preguiça.



eu sinto

Lorena Varalla Scanzani

Sinto o sol tocar a face e rosar as
bochechas,
o sol esquentar a parede no fim da
manhã
e o sol reftir na água do mar.

Sinto o mar dançar em minha volta,
o mar bater as ondas ao entardecer
e o mar agitar quando vem o vento.

Sinto o vento passar pelos cabelos,
o vento uivar na janela de
madrugada
e o vento esfriar a pele.

Sinto a pele arrepiar,
a pele arder,
a pele querer;
ansiar.

Eu sinto muito.

Sinto muito por
não te falar,
mas a graça é
sentir o que
não consigo
expressar.



[Fotografia: Lorena Varalla Scanzani]

notícias do desterro

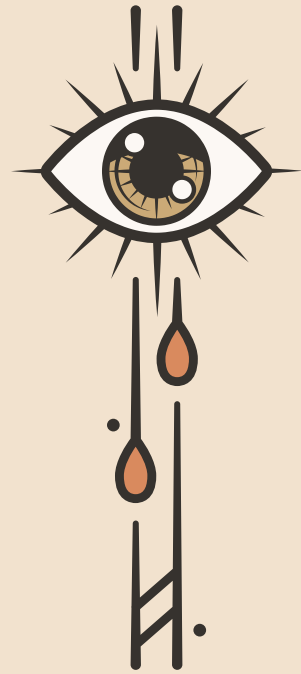
Waléria Nunes

O que de mim não me cabe
inamovível.

Me alço aos céus
porém telúrica, o mar
me engole.

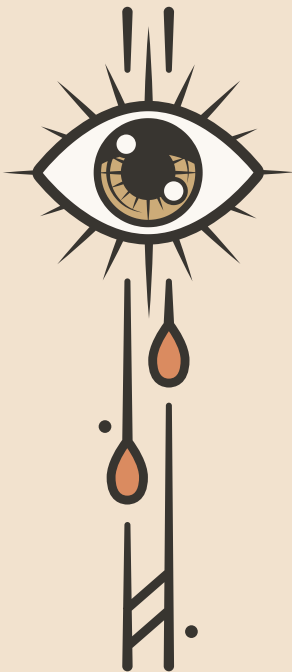
(a ponte de ferro,
o abismo,
a fixa)

A ilha que me - faz -
segura, é
infinita,
abalada
e sísmica.



quinto estágio do luto

Ananda Gomes Henn



Na minha cabeça vivem
as melhores partes de você.

Vive você
inteiro.

Você não quis estar aqui.
Me desculpa.

Foi inevitável:
eu quis. Quero
você e essa tristeza
tem seu gosto.

Eu bebo minhas lágrimas
com prazer.

Um cartão-postal para a lonjura

Querida Lonjura,

já faz 16 meses que não tenho saudades de casa. As estações do ano eu reconheço rapidinho, como se eu fosse a própria Terra: eu giro e giro e giro em volta de mim mesma, sem que eu me mova. Como se isso fosse possível. Eu sinto tanto a sua falta e a falta desse sentimento de estar bem longe! Espero que essa saudade seja apenas geográfica, porque a possibilidade de estar longe também reside dentro da gente. Anseio pelo nosso reencontro.



Eine Postkarte an die Ferne

Liebe Ferne,

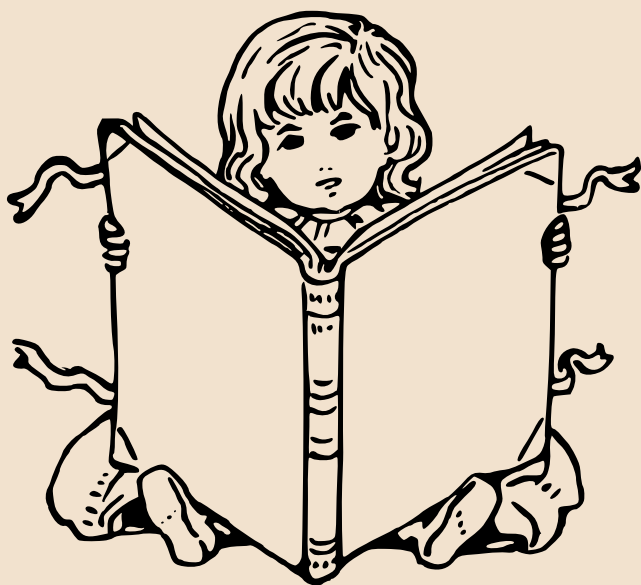
schon seit 16 Monaten habe ich kein Heimweh. Die Jahreszeiten erkenne ich sofort, als ob ich die Erde selbst wäre: ich drehe und drehe und drehe mich um mich selbst, ohne dass ich mich bewege. Als ob das möglich wäre. Ich vermisse dich so sehr und sehne mich nach dieses Gefühl, weit entfernt zu sein! Hoffentlich ist diese Sehnsucht nur geographisch, da die Möglichkeit der Ferne auch in uns ansässig ist. Ich freue mich auf unser Wiedersehen.



Mariana Barbosa de Amorim

Uma crônica sobre a viagem nos livros

Cristiane Garcia Teixeira



Já viajei para lugares que jamais imaginaria conhecer. Doida pela América Latina que sou, entreguei cartas a Pablo Neruda, conversei com Galeano sobre futebol, entendi melhor o tempo com Cortázar e me encantei com a loucura de Machado de Assis.

Depois, um gosto que veio com essa última leitura, resolvi conhecer a Rússia, onde estava acontecendo a exposição de um crocodilo, organizada então por um alemão (dizem que os russos, por vezes, dão valor ao que lhes é estrangeiro. Nós, brasileiros, sabemos bem como é!). A exposição ficou ainda mais famosa quando um homem, chamado Ivan Matviétich, foi engolido por esse animal.

Tamanha foi a surpresa que eu tive quando o próprio Matviétich, ainda vivo na barriga do crocodilo, concordou que por lá ficaria, pois cortar a barriga do animal poderia acabar com a exposição e o princípio econômico deveria estar sempre em primeiro lugar.

Depois da experiência russa, tive o prazer de conhecer a Inglaterra e lá encontrei um homem fantástico chamado Judas. Confesso, ele mudou minha visão sobre o mundo! Um homem inteligente, que nasceu em uma cidadezinha pequena, passou por casamentos desiludidos e que tinha uma vontade gigantesca de aprender. Um trabalhador que mal tinha tempo para estudar e um dia entrar na universidade, que era seu sonho.

Quem diria que uma menina como eu, que não nasceu em berço de ouro, conseguiria viajar tanto assim?! Pode parecer clichê, mas consegui essa façanha porque li livros, eles foram meu passaporte e o meu transporte de locomoção. Sentada na minha poltrona, via as ironias dos autores e autoras como as nuvens branquinhas e os raios de

sol que admiramos pelas janelas dos aviões, carros e trens e que deixam tudo mais claro.

Foram os livros que tornaram possível, além de outras muitas coisas, o ingresso em uma universidade pública e gratuita que mudou a minha vida.

Foi em uma dessas viagens que conheci um governo que só poderia ter saído de uma dessas histórias de Stephen King. Nele havia um ministro da economia (que quando estudante ganhava bolsa de pesquisa CNPq. Olha a hipocrisia! A mesma bolsa que foi cortada por seu governo e que alguns de seus seguidores acham que é esmola e não trabalho). Esse ministro tivera uma ideia: "Vamos taxar livros!". Seu argumento era o de que o livro seria um produto da elite e que, portanto, só ela o compraria e leria. Vejam bem, se isso fosse verdade, talvez esse governo nem existisse!

Lembrei que nas minhas andanças livrescas, conheci um editor do século XIX que publicava livros para a "mocidade nacional". Sabia, desde essa época, que era através da leitura, do conhecimento, que a mudança realmente poderia acontecer nesse país.

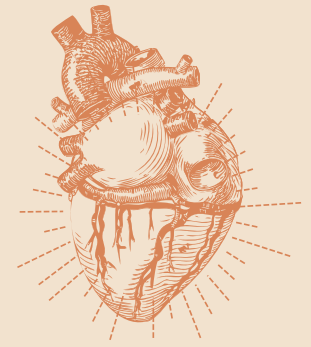
Lembrei também de outro brasileiro que escreveu, no mesmo século, um poema que dizia:

"Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe - que faz a palma,
É chuva - que faz o mar."

Não nos querem pensando! Não querem nos deixar viajar, entrar em universidades. Livros são afagos, são armas que não matam, mas nos ajudam a lutar para transformar esse país em um lugar mais justo, menos desigual. Os homens desse governo, a lá Stephen King, não leem muito, vivem em uma realidade só deles, são totalmente manipuláveis por uma elite nacional que trai seu próprio povo. São infelizes, não sabem amar porque não sabem ler. Não sabem fazer a leitura do país e da população a quem deveriam estar servindo, imagina de livros!

DOIS CORAÇÕES

R. E. D. Filho



Tainaça e Apoema voavam juntos cruzando os grandes mares do continente verde. Eram um só. Tainaça a calmaria de um fim de tarde alaranjado e Apoema a força bruta de um rio. Completavam-se. Com suas enormes asas fortificadas cortavam os céus com rasantes e piruetas no ar. Os bosques ganhavam brilho quando cantavam e esfriavam quando choravam. E assim foi por muitas eras. Em algum momento os dois foram separados pela ira dos céus. Na criação daquele mundo, quando os deuses desenharam as primeiras melodias de amor, em uma das notas nasceu Apoema e em outra Tainaça. Aves robustas que ganharam vida própria. Pássaros feitos do mais puro amor, ligadas pela força incondicional do destino. Inconformados, os grandes deuses enviaram um temporal, pois nenhum olhar merecia sentir o infinito amor que existia entre as duas notas que pertenciam à antiga melodia. No oitavo ano, da terceira lua, Apoema e Tainaça foram surpreendidos com a tempestade. Encurralados no mar de Eçapira, atravessaram. Em seu último ato de afeto, Apoema explodiu em luz e caiu sem vida nas águas verdes.

Tainaça resistiu diante a fúria do temporal, já que a grande explosão de seu companheiro criara um vácuo que a ajudou fugir pelo litoral. Voou desesperadamente até perceber que a vida sem Apoema não teria sentido. Após incontáveis subidas e descidas do sol, com o corpo frágil e velho, procurou o canto de Apoema nas estrelas e nada encontrou. Cansada de buscar e inerte em suas próprias lembranças dirigiu-se novamente aos mares de Eçapira. Voou com todas as forças que pulsava em seu par de asas amarelo. A vida não era a mesma. O ar já não era tão doce e o sol parecia frio. Ao longe era possível ver a mesma tempestade que derrubara a grande ave azul. Tainaça, já sem forças usou o último suspiro que habitava em seu peito cansado e entrou no choro dos céus. De olhos fechados sentiu o desprender de suas asas. Com os olhos da alma viu Apoema esperando, não mais como pássaro, e sim como raios de sol. Os dois sorriram e enlaçaram-se. Os deuses choraram. O mundo sangrou. Eram dois em um, e assim, continuaram iluminando as vastas regiões daquele velho mundo, levando amor aos mais duros corações e esperança aos mais frágeis.



A sutileza das aureolas dançantes

Gabriela Caye Santos

O ato de voar é considerado algo intangível aos homens (fisicamente impossível), por outro lado, aos pássaros foi concedida a divindade de planar aos céus, enquanto desfrutam da leveza do mundo, em movimentos brandos e involuntários.

São dançarinos leves, que realizam seus passos gentis, com o movimento de suas asas. O vento como seu principal companheiro - por vezes ocorrem colisões, devido ao caráter inanimado de uma das partes, mas na maior parte realizam um equilíbrio harmonioso, com o céu e as nuvens como plano de fundo.

Usufruem do mundo celeste, onde ânsias, aflições e dores mundanas, não alcançam. A irregularidade humana não transparece aos pequenos bailarinos - como é intrigante a diferença de realidades proporcionada por metros de altura? Do mesmo modo, questiono sua perspectiva, quando planam sobre outro mundo tão distinto e complexo, talvez ilógica.

Infelizmente, adotar uma visão surrealista, não mudará a realidade, que todos os dias, voam em busca de alimento e sobrevivência, e nada além disso.

Mesmo assim, observo-os através da janela, e testemunho meu leve eufemismo de liberdade. No instante que estão presentes, em plano maior, é como se detalhassem uma pintura esplendorosa feita por um deus qualquer.





In memoria di te

Sofia da Silva Quarezemin

Per invocare i suoni,
dobbiamo chiudere la porta
e gli occhi
E restare sole nel buio

Ed in un impulso
nella nebbia della memoria,
cercare quel giorno,
con le nostre parole sparse al sole
E le nostre mani sulla pelle calda
nude
sudate
frenetiche

Perché abbiamo il tramonto nelle dita
e le stelle tra i seni,
dobbiamo bruciare la rabbia
e consumare il fuoco
dei nostri stessi cuori

Di subito, ci svegliamo
e i pensieri
svaniscono nel tempo
in cui siamo cadute





Em sua lembrança

Sofia da Silva Quarezemin

Para invocar os sons,
devemos fechar a porta
e os olhos
E ficarmos sozinhas no escuro

E num impulso
na névoa da memória,
procurar aquele dia,
com nossas palavras espalhadas ao sol
E nossas mãos sobre a pele quente
nuas
suadas
frenéticas

Porque temos o pôr do Sol nos dedos
e as estrelas entre os seios,
precisamos queimar a raiva
e consumir o fogo
dos nossos próprios corações

De repente, acordamos
e os pensamentos
se esvaem no tempo
em que caímos





Fábula ilustrada para estudantes de letras: o elefante linguístico e os sete sábios

Maria Inés Castiñeira

Para Cláudia Alves, que nos fez gostar da linguística.

Era uma vez uma outra aldeia na qual também viviam sete sábios cegos. Parece que de tanto ler e estudar acabaram ficando cegos. Pois é, tem muita gente alertando contra essas práticas! Bom, nesse povoado também apareceu um certo dia um elefante. Este elefante era um pouco diferente, ele era um elefante linguístico. Ele, ou ela, a gente não sabe ao certo e isso não é importante neste conto, gostava demais de falar com seus colegas e dominava todas as línguas, variedades e dialetos dos elefantes: elefantinho culto padrão, elefantinho sul africano, as línguas do Saara, línguas berberes, o tarugues, senegalês, mesopotâmico asiático, asiático oriental, nepalês, a linguagem do circo e a dos zoológicos também, entre outras tantas. Estas últimas tinha aprendido com uns alforriados e quilombolas.

Como na outra estória, os sábios também se aproximaram ao paquiderme para estudá-lo e poder esclarecer esse fenômeno às pessoas simples da aldeia.

O primeiro sábio apalpou a cauda do elefante e sistematicamente formulou: “Este elefante é como uma corda que faz parte de uma estrutura, essa corda representa um conceito ou significado que está relacionado com uma imagem acústica ou significante. Podemos estudar a corda em repouso de forma síncrona ou os movimentos e como ela vai se modificando ao longo do tempo, de forma assíncrona. Este é o signo, a menor unidade que faz parte desse complexo sistema. Muito estruturado este elefante, mas a cabala é mais interessante!”. Assim falou o sábio número um.

Outro dos sábios, tocando a tromba, gerou a seguinte sentença formal: “o elefante é como uma cobra que possui uma corneta com a qual consegue gerar todas as possíveis e infinitas combinações de sons a partir de um conjunto limitado de símbolos ou alfabeto. Certamente deve possuir um mecanismo interno universal que permite-o de gerar todas as possíveis músicas, sons e

sentenças. Muito gerativo este elefante, interessante!!”. E essas foram as palavras do sábio número dois.

Um terceiro sábio, pegando a orelha fez um discurso funcional: “Este elefante é como um abano que quando se mexe pode ter diferentes funções: uma função referencial para afugentar os mosquitos que o incomodam e fazer ventinho, uma função poética desenhando belos movimentos quer fosse uma etérea dançarina ou até uma função conativa querendo chamar a atenção do receptor. Muito funcional este elefante!”. Esse foi o sábio número três.

Outro dos sábios primeiro apalpou uma pata, depois tocou outra pata, e após meditar bastante falou: “Camaradas, o elefante é como uma árvore. Mas não é uma árvore isolada, ela está no meio de outras árvores, existe em sociedade. Devemos estudá-lo no seu contexto dialético e social. Segundo a teoria do marxismo a árvore é um signo ideológico e social que relaciona a interação da sociedade com a consciência individual. Assim, não é o pensamento que faz surgir a ideologia, mas sim a ideologia que origina o pensamento. Muito filosófico este elefante!”. Assim discursou o sábio número quatro.

O quinto sábio pegou uma das

presas e com um ato da fala pragmaticamente elaborado discursou: “O elefante é como uma lança que pode ser usada para realizar uma variedade de atos, como espetar um mosquito¹, ato locutório, abrir um buraco no chão, ato ilocutório, ou dar medo em alguém, ato perlocutório. Muito atuante este elefante”. Ninguém entendeu muita coisa mas esse foi o sábio número cinco.

Um outro sábio apalpou a barriga do elefante e nada preconceituosamente falou: “Muitos poderão dizer que o elefante é uma feia parede rugosa e com pelos, mas isso é um preconceito baseado no mito de que as paredes devam ser lisas e depiladas. Afinal de contas, quem determina que as paredes tem que ser lisas? Ou, que as paredes sem pelos constituem a norma culta e o padrão do que é belo e correto? Posso enunciar mais alguns mitos originados em preconceitos similares. Essas rugosidades e pelos, essas variedades de paredes, tem a sua razão de ser e possuem uma força e beleza intrínseca. Mitológico este elefante”. Assim falou o sábio número seis.

O último sábio, o sétimo, estava muito ocupado preenchendo seu currículo Lattes, preparando aula, pois ensinava línguas às crianças de uma aldeia próxima, e organizando

um congresso científico sobre a influência do Jovem Werther, de Goethe, nos rappers do Morro da Caixa. E assim, o pobre coitado, não teve tempo de estudar o elefante.

*Finiquitada*² a análise os sábios ficaram discutindo e argumentado entre si e o belo e majestoso animal seguiu imponente o seu caminho.

Tempos depois o elefante acabou contando assim essa experiência para um amigo seu de Milão³:
*“Guarda quante sciocchezze. Che viaggio per questi ragazzi, brother. Anche Saramago, che di virgole e punti non sa molto, capisce meglio il viaggio degli elefanti! E ala fine mi sono offeso, nessuno di loro voleva parlarmi. Saggio!”*⁴

-----FIM-----

Atividades

- John Langshaw Austin
- Marcos Bagno
- Mikhail Mikhailovich Bathkin
- Noam Chomsky
- Roman Osipovich Jakobson
- Ferdinand de Saussure
- Estudante de pós-graduação em teoria da linguagem

- Sábio da cauda
- Sábio da tromba
- Sábio da orelha
- Sábio da pata
- Sábio da presa
- Sábio da barriga
- Sábio do Lattes

- 1) Identifique cada sábio e relacione letra e número correspondentes:
- 2) Observe a figura e indique quais são os sábios que não aparecem nessa ilustração.



[Arte: Maria Inés Castiñeira]

¹Outra vez um mosquito. Os sábios e os elefantes se incomodam muito com os mosquitos!

²O elefante sabe o que isso significa.

³Como está em milânês tem logo abaixo uma NT que significa “Nota do/a Tradutor/a”

⁴NT: para quem não entende o dialeto de Milão: “Olha quanta besteira. Que viagem a desses caras, mano. Até o Saramago, que de vírgulas e pontos não sabe muito, entende melhor a viagem dos elefantes. E fiquei ofendido, nenhum deles quis falar comigo. Sábios!”

CARTÃO-POSTAL

Marcos Oliveira Jr

A banca desse povoado não
possui jornais, nem oferece livros;
o que se vê bastante são as terras,
em tudo como os mapas que decifro

nos dias santos, recordando o rosto
de minha vó multiplicando a carne
de um porco assado lá no chão da roça
que a gente ia no tempo de criança.

Os bancos postos nas calçadas são
comuns aqui no povoado; soube
que é assim porque você jurou
voltar num barco cheio de peixe bom.

Também ouvi que os gradeados lá
nos fins do morro modificam muito
o ar dos ventos desta terra rara;
por isso é que eles ficam fora,

precisam ver para saber o que
sentir; a estrada pequenina não
suporta espantos como o que esperam
se espantar quando eles virem vindo

roçando a cara da paisagem sua
bagagem óssea inteirinha, como
um barco quando chega a um cais pisado
de gente olhando o peso da promessa.



FLORAÇÃO

Nicolas Brukiewa Rodrigues

Desde o começo zelaste por mim, cuidou de mim nos momentos em que estava fisicamente letárgico, me aninhou em teus braços quando minha mente gritava inaudíveis palavras sem parar numa ansiosa rapsódia. Me deste espaço quando precisei, fizestes de mim a realeza de um país fundado no teu peito, governamos mutuamente o lado esquerdo do teu tórax, ganhei a chave da tua casa, uma gaveta no teu armário e uma escova que se mantém em seu banheiro. Gritaste comigo em momentos que o silêncio parecia implorar para ser preenchido, chorou pelo autoflagelo que foi me odiar enquanto discutimos, me pus a chorar pela dor que lhe causei.

Sou uma rosa vermelha, em minhas veias corre a teimosia, enquanto cresço espanto o desnecessário com minhas palavras-espinhos, mas não deixo de chamar atenção, sempre vejo pestes se aproximando, tento afastá-los, e em minha constante defesa espanto até aqueles que gostaria de manter por perto, abelhas vêm a mim e com um sorriso desabrocho permitindo que

elas me polinizem, borboletas vão e voltam num samba aéreo constante. Depois de todo teu cuidado comigo, me olho no espelho e vejo um botão surgir na minha têmpora direita, a cada elogio teu, carícia, a mais sutil e pura demonstração de afeto, o botão desabrocha mais e mais, no decorrer de uma semana percebo que há em volta da minha cabeça uma coroa de rosas, você parece não perceber, tento podar uma das flores para lhe presentear, mas a dor que sinto ao tentar cortá-las é tão física quanto a dor de quebrar um membro do meu corpo.

Será que há em teu ser flores também? Sutis florescências invisíveis ao meu invasivo olhar? Cheiro teu pescoço e de alguma maneira eu sei, és uma amarílis. “Você desabrochou?”, te interrogo de repente, a pergunta até me impressionando; “Não, ainda hei de florescer” respondes com um carinhoso sorriso. De repente a tua imagem parece se metamorfosear na minha frente, vejo pulgões e cochonilhas andando nos teus braços, percevejos caminham entre teus dentes, há em ti o cheiro de podridão

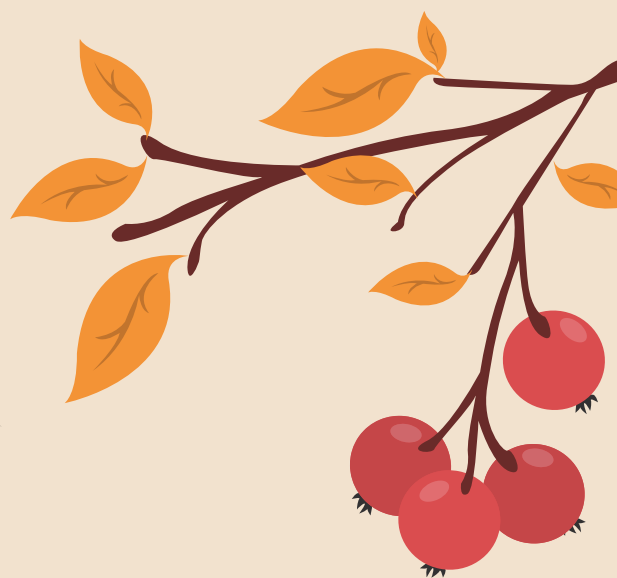
e declínio, fungos mancham o couro cabeludo e moscas dançam ao seu redor implorando para que enfim definhe. E em mim nada há, minha pele reluz e minhas pétalas carregam em si o orvalho da vida.

Percebo a diferença e entendo, destes tudo de ti para mim, as pragas que se instalaram em ti vieram por mim, mas involuntariamente tomou-as para si, zelou por mim, me adubou, tirou a terra dos teus pés para colocar nos meus, e eu nada fiz por ti, cresci e desabrochei, mas tornei-me ditador do teu coração, roubei de ti o armário e lhe empurrei para a gaveta, sequei tuas folhas e lhe joguei ao relento e infértil solo. Decido por nós dois e te podo de minha vida. Não entendes minha repentina decisão, mas os vermes que vagueiam em ti parecem receber o recado, começam a correr para longe resmungando a falta que irão sentir do meu descuido. Tu gritas, quebras um vaso, lágrimas correm pelas tuas bochechas, suas mãos seguram meus braços e és furado por meus espinhos... e me deixas só. Vou ao banheiro e encaro meu reflexo no espelho, os olhos inchados e vermelhos, os lábios tremendo, e há as flores,

as amaldiçoadas rosas que te trouxeram para minha vida apenas com o intuito de destruí-lo em doentio castigo a mim. Pego a tesoura de poda, corto a primeira, grito, sei que grito, minha boca se escancara em movimento obrigatório pela dor que sinto, mas não escuto o barulho que emite, o mundo está silencioso, o silêncio é a risada dos deuses. Corto botão por botão, minha testa sangra como a de cristo enquanto carregava a coroa de espinhos, a cada flor que arranco mais insuportável se torna a dor, uma dor que estranhamente não se origina na minha testa, mas que brota em meu peito, quando as pétalas caem carregam com elas os sonhos que tinha dos dias vindouros contigo, dão espaço para nossas memórias e as tornam expansivas, tua imagem se torna erva daninha na minha mente, cresces em um ritmo desenfreado sufocando todo o resto.

Tento alcançar meu quarto, mas no caminho a dor prega peças em mim e me tonteia, acaba com a suavidade da gravidade e me lança ao chão, fico tremendo em contato com o tapete, lá fora é primavera, mas aqui dentro é outono, e assim permaneço no decorrer da semana, jogado ao chão na certeza de que meus espinhos agora perfuram a mim.

Meses depois te vejo caminhando do outro lado da rua, teu peito repleto de flores, o sol iluminando teu andar e teu caminho, te tratando como favorito, borboletas surgem nas moitas próximas observando o seu passar, beija-flores dançam ao seu redor envergonhados com a ideia de se aproximar de tanta beleza, tu sorri e o céu se torna um pouco mais azul. As flores saem de seu peito, coloca o buquê de lado para segurar a mão do teu novo amado, na orelha dele pende um girassol que parece intensamente te encarar, sorri, e vejo em meu peito uma vitória-régia desabrochar.



AGOSTO

Lorena Varalla Scanzani

Agosto.

Mais uma noite fria.

Quando amanhecia,
abria os olhos adormecida,
levantava e me vestia.

Pela janela, chovia.

A primavera chegou mais cedo.

Conexão Baixada

Vitória Machado da Costa - Preta Lórica

Havia saído de casa maior cedo, peguei os 50,00 contos dado pela mãe, e meti no bolso traseiro, já tava desde do dia anterior cheia das perturbações na cabeça dela. Disse que tinha porque tinha de ir. Mó solzão batendo na lata, me parecia até artimanha do Astro-Rei para dar certo, contei o tempo que gastaria de São João para Caxias dentro do buzão, não é que seja longe, mas 110 é fogo, se depender só chego no outro encontro. O negócio estava com maior pinta que daria bom, pelo fato de não ter tido demora para roupa encontrar, não tinha armado nada, foi só aquela mensagenzinha no direct, nós já de papo de marcar.

Bagulho doido. Mas eu sou mais. Fui de casa até o Raul Cortez ouvindo a faixa de rap "A MARGEM", dos MC'S da Baixada, pow também, né, já estava de papo maior tempão com o Allê, não ouvir esse som seria até mancada. Colei, e quem disse que ele tinha chego? Logo eu cheia das desconfianças pensei: "...com esse aí babou", rolê com maior cara de bolo,

e eu com maior cara de pastel, pensei logo que o doido dispiou, dei aquela olhada esperando o olhar dele encontrar com o meu, nada, pensei em meter o pé, como já estava em Caxias, coleí dali mesmo. Dei um rolê, esperando o caô no direct, nem isso, nem visualizava, dei um toque à cobrar, tão pouco.

Aquariana teimosa que sou, voltei para praça que rola as Batalhas de Freestyle, que ele gosta, a do Raul. O preto nervosão já metido nas tendas de livros, tentando me contatar pelo wi-fi, não deu outra, corri para o abraço; ele é desses de sorriso bonito, que me fez até esquecer o inferno que o sistema solar provocava, ou melhor dizendo, que tenhamos provocado com o CO2. O calor do abraço dele, aí sim, nisso me amarro. Eu que tenho vergonha de olhar nos olhos, no dele já saí de casa com a intenção de desvairar nas bolas oculares de paleta castanha escura. Ah, mirei! É de um olhar pequeno, e a visão mô gigante, com papos de ser um grande MC, de respeito,

de fazer a BXD virar.

Eu que não sou escritora, todavia brinco de escrever entendi o papo que ele dava. A conversa foi desenrolando, e gaiata do jeito que me fiz, ri, com vontade, e sem perceber meu braço enrolava no dele, andando no Calçadão, não esse Calçadão que a água de coco é 25,00 conto e o picolé é gourmetizado, sai para lá! Nosso rolê é de raiz, carioquês, onde o salgado com guaravita é 6,00; um sentimento mô diferente me corria no peito, e graças a Oxalá nem precisava disfarçar, a mão apertada, ainda enroscada no braço, sem ser cedida me falava. Nessa hora o Sol, que tava mais morno, beijava nossas peles com gosto, esqueci dos trabalhos da faculdade por fazer, e ele dos papos com 22 anos, de vencer.

Creio que vencer na vida também pode ser isso, né, estar sentado na praça de alimentação em um dia de sábado ensolarado jogando conversa fora, com uma companhia de presença e risada gostosa. Claro, sem consumir nada, os bagulhos mô caro, penso que chegaremos a ser cobrados até para sair, enquanto isso não rola, nós *curte* de graça,

eu o riso dele todo sem graça, ele minhas palhaçadas. Sair para dar rolezão é assim, ficar de canto, olhando os erês correndo, os pais gritando, as senhoras que ficam observando pensando: “será que tão se gostando?”

Não sabem. Mas faz gosto de apreciar o olhar dela dentro das vistas dele, o bombom, que ele veio guardando no bolso, afrontado pelo clima, já em liquidez que passa de uma mão a outra. As senhoras pensando na alegria dela ao chegar em casa e sentir o gosto de afeto explodindo na boca não beijada.



Um Sonho

Cristiane Garcia Teixeira

Eu era ainda uma criança, mas já havia passado por situações que exigiam responsabilidades de um adulto. Naquele dia cuidava de outro menino mais novo. Nós dois, duas crianças negras em um mundo cor de barro, chão de terra. Lembro que – de pés no chão, bermuda, fome e frio – brincávamos, como se resistíssemos ao que nos era imposto, com bravura nós ríamos. Olhava em seus olhos e conseguia sentir a imensidão de mundo que tinha ali. Olhos grandes e brilhantes que lembravam os meus. O dia estava bonito nos arredores de nossa escola, tão nossa que não podíamos entrar. Dois homens nos avisavam que do portão para dentro não éramos bem vindos. Além deles, havia um bicho assustador que descansava ao sol e parecia exercer ali o papel de cão de guarda. Mas era um rinoceronte grande, forte, inabalável. Sabíamos que na escola tinha comida. A criança estava faminta e precisava ir ao banheiro, necessidades básicas que para nós era preciso “pedir” para acessar. Perguntei aos guardas se poderíamos entrar. Eles não nos deram a permissão e isso não causou

surpresa, conhecíamos bem os não’s da vida. Mas a criança não desistiu, o olhar dela para mim era suplicante. Esperei os guardas irem para um lugar que não fosse possível nos ver. Meu medo era o rinoceronte acordar e correr até nós. Peguei a criança no colo e ultrapassei as barreiras que nos separavam da escola. Quando dei por mim, o rinoceronte já havia nos percebido. Levei a criança às pressas para o chão escolar e voltei ao meio do caminho para esperar o bicho. Olhei para a criança e ela estava segura e dentro da escola, isso me deu uma força gigante. Quando o rinoceronte parou na minha frente, nos encaramos! Seu grunhido era alto, mas eu não arredei o pé. Olhei com toda a coragem para ele e dei o meu maior e mais sincero grito! Uma lágrima escorreu dos meus olhos, o rinoceronte me olhou surpreso, não esperava minha valentia. Olhei a criança na escola e ela sorria. Voltei meu olhar ao rinoceronte e, sem pensar, abracei-o. Naquele momento, já adulto, percebia que havia feito as pazes com minha criança, a interior.

FOTO-DESCRIÇÃO

- **Capa**

O fundo é um tom laranja avermelhado claro. Ao centro, uma fotografia na vertical em preto e branco com bordas arredondadas de um cômodo de uma casa. Há, ao centro, uma mesa de madeira quadrada de quatro lugares e uma cadeira de madeira em cada lateral. Sobre a mesa há uma pequena toalha quadrada branca. Sobre a toalha há porta-retratos deitados, virados para cima, e um livro aberto. Encostada numa das paredes, à direita, há uma estante de cinco andares com livros. As paredes são brancas com partes da tinta descascadas. A iluminação da foto vem da esquerda. Na página está escrito com letras maiúsculas e em marrom claro "Preguiça", no topo, e "A revista para quem não tem pressa", na parte inferior. No canto inferior direito, ao lado da fotografia há um círculo preto com círculos brancos vazados em volta. Dentro do círculo está escrito em branco "Preguiça 4". Acima do círculo, está escrito "Dezembro de 2021" e "PET-Letras UFSC".

- **Página 02**

O fundo é um tom castanho claro. No topo da página, à direita, há uma ilustração em preto e branco de um bicho preguiça pendurado com as quatro patas em um galho de árvore, olhando para a frente. À esquerda e mais abaixo da ilustração há um retângulo vazado com bordas marrom claro e dentro lemos em cinza escuro "Nota da editora". Abaixo do texto, na parte inferior da página e centralizada, há uma linha cinza irregular, como se feita com giz de cera.

- **Página 03**

O fundo é um tom castanho claro. Na lateral esquerda da página, de cima a baixo, há uma ilustração em escala de cinza de um bicho preguiça pendurado com três patas em um galho de árvore, olhando para cima. À direita e mais acima da ilustração, há um retângulo vazado com bordas marrom claro e dentro lemos em cinza escuro "Autores e Artistas". Na lateral direita, os nomes dos autores e artistas em cinza.

- **Página 04**

O fundo é um tom castanho claro. No canto superior direito, uma pequena ilustração de um novelo de lã laranja com agulhas prateadas cruzadas atravessando o novelo. No topo da página, o título escrito em marrom e ao centro o texto em cinza escuro. Na parte inferior da imagem, nos cantos esquerdo e direito, há pinceladas abstratas semelhantes à forma de folha, nas cores marrom, rosa, laranja e verde.

- **Página 05**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro o texto escrito em cinza escuro. Na parte inferior há uma ilustração digital de pessoas conversando num bar. Na ilustração, há um homem de amarelo falando erguendo a mão direita e na sua frente uma mulher de verde ouvindo apoiando o rosto numa das mãos. Há o topo de uma garrafa entre eles. Acima lustres e plantas pendentes. A imagem se repete, então, nas laterais esquerda e direita há respectivamente a mesma mulher e o mesmo homem.

- **Página 06**

O fundo é um tom castanho claro. No topo da página o título escrito em marrom e ao centro o texto em cinza escuro. À direita da página, há uma ilustração em escala de cinza que parte do canto superior ao canto inferior, formando um contorno arredondado. A ilustração é de constelações, feitas com traços bem finos, em branco, sobre um fundo preto com pontinhos brancos bem pequenos, representando o espaço sideral.

- **Página 07**

O fundo é um tom castanho claro. No topo, o título escrito em marrom e ao centro o texto em cinza escuro. Logo abaixo do título, ao lado esquerdo do nome da autora há um ícone de avançar em preto. No canto inferior direito da página há uma ilustração de um toca discos gramofone. A base é marrom e a corneta amarela. Da corneta saem pinceladas abstratas em tons de verde, marrom, e azul claro.

- **Página 08**

O fundo é um tom castanho claro. No topo da página o título escrito em marrom e ao centro o texto em cinza escuro.

- **Página 09**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 10**

O fundo é um tom castanho claro. No topo da página, o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro. Do centro até a parte inferior da página há duas colagens iguais, uma parcialmente sobreposta à outra. Na colagem, em primeiro plano, no canto inferior esquerdo há uma pequena imagem em preto e branco de três homens num barco, um em pé e dois sentados, segurando os remos. No canto inferior direito, há dedos em preto e branco de uma mão esquerda, como se segurasse o resto da colagem. Embaixo dos dedos há uma fotografia rasgada nas laterais de flores roxas e amarelas num vaso de vidro, com o a luz do Sol batendo em seus ramos. Mais abaixo, há uma onda do mar bem azul e uma pessoa surfando. Ao centro, há uma árvore Chapéu-de-sol, com o céu azul por detrás de suas folhas e acima três aves pretas e brancas sobrevoando a árvore. À esquerda da árvore, há parte do telhado marrom de uma casa. Em último plano, por trás das outras imagens, há uma página de um livro, em que se vê apenas um pedaço à esquerda e um à direita, escrito em inglês, mas sem ser possível ler as palavras inteiras.

- **Página 11**

O fundo é um tom castanho claro. No topo o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro. Em volta do título há ilustrações de peixes, todos virados para a direita, apenas contornados em traços pretos.

- **Página 12**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 13**

O fundo é um tom castanho claro. No topo, à esquerda, a continuação do texto. À direita, uma ilustração de um coral, em escala de cinza, com traços finos. Ao centro duas linhas pretas em ondas, uma abaixo da outra e a de baixo mais à direita da de cima. Na parte inferior da página, outro título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 14**

O fundo é um tom castanho claro. Centralizados na página há o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro. Abaixo do texto, na parte inferior da página, há dois pares de meias azuis. Um par está enrolado e as meias possuem duas listras vermelhas. O outro par está esticado sobre o par enrolado, e possui calcanhar e pontas pretas.

- **Página 15**

O fundo é um tom castanho claro. Há o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 16**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 17**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 18**

O fundo é um tom castanho claro. À esquerda da página há o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro. No canto inferior direito há uma ilustração de uma menina deitada numa poltrona marrom. A menina veste blusa e meias rosas e calça preta. Está deitada de barriga para cima, encostada numa almofada à esquerda da poltrona e com as pernas para a direita, uma apoiada no braço da poltrona e outra pendurada para fora. Está sorrindo de olhos fechados.

- **Página 19**

O fundo é um tom laranja avermelhado claro. Ao centro em letras maiúsculas cinza escuro está escrito "Preguiça" e abaixo "sobre outras obras", mais abaixo, ao centro da página, uma flecha preta na horizontal aponta para direita. No canto inferior direito há uma ilustração de um bicho preguiça marrom claro, agarrado num galho de árvore, olhando para a frente.

- **Página 20**

O fundo é um tom castanho claro. Há o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 21**

O fundo é um tom castanho claro. No topo, à esquerda, a continuação do texto. Ao centro, um novo título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 22**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 23**

O fundo é um tom laranja avermelhado claro. No canto inferior direito há a ilustração de um bicho preguiça marrom claro, agarrado num galho de árvore, olhando para a frente.

- **Página 24**

O fundo é um tom castanho claro. No topo da página há o título escrito em marrom e abaixo o texto, mais à esquerda, em cinza escuro. Na parte inferior direita da página há, recortada em formato de círculo, uma fotografia de flores amarelas, por trás de um vidro em que escorre a água da chuva. No reflexo, no topo da fotografia, um céu branco, nublado.

- **Página 25**

O fundo é um tom castanho claro. Na metade superior da página, há o título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro. O texto está mais à esquerda. À direita há uma ilustração de um olho castanho claro. Abaixo do olho há traços geométricos e duas gotas em tom rosa alaranjado. Na metade inferior da página há outro título escrito em marrom e logo abaixo o texto em cinza escuro. O texto agora está mais ao centro e à esquerda há a mesma ilustração do olho com os traços geométricos.

- **Página 26**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro da página há os dois textos com seus títulos. Abaixo de cada título há uma linha que parte da esquerda para a direita, chegando até um envelope bege aberto com uma carta em papel branco dentro.

- **Página 27**

O fundo é um tom castanho claro. No topo da página o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. Na parte superior, à esquerda, antes do início do texto, há uma ilustração, contornada com traços pretos, de uma menina sentada no chão lendo um livro. O corpo da menina está todo atrás do livro e ela lê com um semblante sério.

- **Página 28**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 29**

O fundo é um tom castanho claro. Há o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. No canto superior direito, uma ilustração em tom alaranjado de um coração humano com finas linhas em volta como se fossem raios de Sol.

- **Página 30**

O fundo é um tom castanho claro. Há o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. No topo da página, acima do título, há uma ilustração toda em preto de pássaros pousados numa linha reta, como se num fio de alta tensão. Nos cantos inferiores esquerdo e direito há duas ilustrações repetidas de dois pássaros pousados em finos galhos de árvore. Um pássaro é verde e outro vermelho.

- **Página 31**

O fundo é um tom castanho claro. No centro da página, há um pequeno maço de papel bege. Nesse papel há centralizado o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. No canto superior direito da página, fora do papel bege, há uma caneta marrom traçando uma linha preta irregular. No canto inferior esquerdo há uma ilustração de uma mulher, sem rosto, apenas com sobancelhas. A mulher está sentada, apoiada sobre uma mesa marrom, com a mão direita levantada apoiando seu rosto. Veste uma blusa branca e tem cabelos castanhos lisos e soltos.

- **Página 32**

O fundo é um tom castanho claro. No centro da página, há um pequeno maço de papel bege. Nesse papel há centralizado o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. No canto superior direito da página, fora do papel bege, há uma caneta marrom traçando uma linha preta irregular. No canto inferior esquerdo há uma ilustração de uma mulher, sem rosto, apenas com sobancelhas. A mulher está sentada, apoiada sobre uma mesa marrom, com a mão direita levantada apoiando seu rosto. Veste uma blusa branca e tem cabelos castanhos lisos e soltos.

- **Página 33**

Em toda a página há uma ilustração em aquarela. Ao centro, há um elefante grande e colorido em tons de amarelo, laranja, rosa, verde e azul, olhando para a frente, andando numa trilha de uma floresta. Em segundo plano, em preto e branco, há nas laterais do elefante, arbustos que contornam a trilha e, ao fundo, em preto e branco, árvores altas com galhos finos e folhas apenas no topo.

- **Página 34**

O fundo é um tom castanho claro. Há o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 35**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 36**

O fundo é um tom castanho claro. No topo, à esquerda a continuação do texto. À direita, no topo, há uma ilustração em aquarela. Na ilustração, o fundo é cinza. Ao centro, há um elefante grande e colorido em tons de amarelo, laranja, rosa, verde e azul, dando um passo e olhando para a frente. Em volta do elefante há cinco homens, em escala de cinza, de olhos vendados que o exploram. Um dos homens está no topo, em cima da cabeça do elefante, apalpando a orelha esquerda. Os outros quatro homens estão no chão, dois em cada lado do elefante. Da esquerda para a direita, há um homem em pé que apalpa a cauda; outro sentado que apalpa a tromba; outro curvado que apalpa a pata esquerda; e outro em pé que apalpa a presa esquerda. Na parte inferior da página, as atividades.

- **Página 37**

O fundo é um tom castanho claro. Mais à esquerda da página há o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. No canto inferior direito há dentro de dois círculos uma ilustração apenas contornada em marrom alaranjado claro de uma pequena fazenda, com uma árvore, um celeiro e silos.

- **Página 38**

O fundo é um tom castanho claro. Há no topo o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 39**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 40**

O fundo é um tom castanho claro. No topo à esquerda a continuação do texto. No centro da página, à direita, há uma imagem de um galho de árvore com folhas amarelas e frutos vermelhos. Dessa imagem até a lateral esquerda há pequenas folhas em tons de marrom, verde e amarelo, levadas pelo vento, como se tivessem se desprendido do galho. No canto inferior direito há um novo título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 41**

O fundo é um tom castanho claro. Há no topo o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro.

- **Página 42**

O fundo é um tom castanho claro. Ao centro, a continuação do texto.

- **Página 43**

O fundo é um tom castanho claro. Há no topo o título escrito em marrom e abaixo o texto em cinza escuro. Ao lado esquerdo do título há uma pequena ilustração em preto e branco de um carneiro preto dormindo sobre uma lua crescente branca. O carneiro está com seu corpo largado sobre a lua e de seu rosto partem para cima três letras zês.

- **Páginas 44 a 48**

O fundo é um tom laranja avermelhado claro. Ao centro, os textos da foto-descrição. Na parte inferior desta página, página 48, há o logotipo da Revista Preguiça, que consiste em três rostos iguais de um bicho-preguiça, em escala de cinza, do mais escuro, à esquerda, para o mais claro, à direita

- **Contracapa**

O fundo da contracapa é a mesma fotografia da capa, em que há o cômodo, a mesa, as paredes descascadas. Agora a fotografia possui mais transparência, como se com um filtro esbranquiçado. No topo da página, à direita, há o logotipo do PET Letras UFSC, que consiste em dois círculos, um interno e outro externo. No círculo interno há uma flor-de-lis branca em fundo preto. No círculo externo acima lemos "PET Letras" e abaixo lemos "UFSC". Na parte inferior da página há o logotipo da Revista Preguiça, que consiste em três rostos iguais de um bicho-preguiça, em escala de cinza, do mais escuro, à esquerda, para o mais claro, à direita.





PRODUÇÃO

Organização // Camila Vicentini Camargo e Mayumi Esmeraldino

Diagramação // Mayumi Esmeraldino

Edição de imagens // Mayumi Esmeraldino

Editorial // Tuan Peres

Logotipo Preguiça // Lara Norões Albuquerque

Sobre o PET Letras // Ana Santiago

Revisão // Camila Vicentini Camargo

COLABORADORES

Gabriele Damini de Souza // Daniel Ribeiro dos Santos // Marcos Oliveira Jr // Gabriele Aparecida de Souza e Souza // Diogo Oquendo // Vitória Machado da Costa - Preta Lírica // Nicolas Brukiewa Rodrigues // Isabela Troyo // Taísa Machado // Stefani Ceolla de Moraes // Daniela Castro // Remerson Bezerra Menezes // Jaqueline Ribeiro da Mata // Lorena Varalla Scanzani // Waléria Nunes // Ananda Gomes Henn // Mariana Barbosa de Amorim // Cristiane Garcia Teixeira // R. E. D. Filho // Gabriela Caye Santos // Sofia da Silva Quarezemin // Maria Inés Castiñeira

Capa e Contra Capa // Clara Rovaris Bettiol

PET LETRAS UFSC

Ananda Gomes Henn // Andrés Leonardo Salas Garcés // Camila Vicentini Camargo // Daniely Karolaine de Lavega // Débora Klug // Isabella Flud Pacheco // Maria Elis Michels // Mariane Pordeus // Mayumi Motta Esmeraldino // Mirelle Araújo Ehrardt // Moara Zambonim Rossi dos Santos // Sarah de Carvalho Ortega // Sofia da Silva Quarezemin // Vítor Pluceno Behnck // Carlos Henrique Rodrigues

SOBRE O PET LETRAS

PET (Programa de Educação Tutorial) foi implantado pela CAPES em 1979, destinado a alunos regularmente matriculados na graduação. Seu objetivo é propiciar aos estudantes uma formação integral em sua área de estudos, envolvendo pesquisa, extensão e ensino. O PET Letras na UFSC surgiu em 1992 e hoje o grupo busca integração com a comunidade acadêmica e externa. Procura envolver os estudantes através de eventos variados, despertando discussões e reflexões, além de troca de saberes.



A REVISTA PREGUIÇA É UMA PRODUÇÃO PET LETRAS UFSC